



O cajado de Francisco

IGREJA A começar pelo Maranhão, claros sinais da influência papal nas decisões do clero dos “fundões”

POR MARCELO AULER

DOMINGO (2 de fevereiro), os 13 bispos das 12 dioceses do Maranhão enfrentarão um desafio. A partir da conclamação que fizeram ao final da Assembleia da Regional 5 da CNBB, em 15 de janeiro, pretendem levar seus fiéis às ruas dos municípios maranhenses, em uma caminhada silenciosa à luz de velas, “como expressão do nosso compromisso com a justiça e a paz”. Será uma manifestação dos católicos e das “pessoas que buscam um mundo melhor” em protesto pela onda de violência que atinge o Estado.

Em rotineiras rebeliões na Penitenciária de Pedrinhas, em São Luís, já foram assassinados 62 presos (593 em 2013 e 3 este ano). No dia 6, um quebra-quebra promovido em quatro ônibus por determinação dos presos causou a morte da menina Ana Clara, de 6 anos, e ferimentos em quatro pessoas, vítimas de queimaduras.

“Nossa sociedade está se tornando cada vez mais violenta. É nosso parecer que essa violência seja resultado de um modelo econômico-social que está sendo construído”, diz a carta dos bispos, acrescentando: “Esta cultura da violência, aliada à morosidade da Justiça e

à ausência de políticas públicas, resulta em cárceres cheios de jovens, em sua maioria negros e pobres”.

Em crítica direta à governadora Roseana Sarney (PMDB), que atrelou o suposto enriquecimento dos maranhenses ao aumento da violência, os bispos registraram: “É verdade que a riqueza no Maranhão aumentou. Está, porém, acumulada em mãos de poucos, crescendo a desigualdade social. Os índices de desenvolvimento humano permanecem entre os mais baixos do Brasil”.

Se o apelo conquistará os fiéis das 250 paróquias de um estado onde 76%

da população vive das políticas compensatórias (Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida etc.), o tempo dirá. Mas, sem dúvida, a convocação da manifestação nas ruas pode ser vista como fruto dos discursos do papa Francisco a favor de uma Igreja fora das sacristias, mais voltada para a população. Apesar do hábito de divulgarem cartas abertas (algumas bastante críticas) após seus encontros, a chamada para uma caminhada silenciosa e à luz de velas, sem configurar uma procissão, não tem precedente.

Ainda que ressalte o costume de expedirem cartas aos fiéis, o presidente da Regional 5 da CNBB, dom Gilberto Pastana, bispo de Imperatriz, admite a influência: “Claro que não podemos descartar que o testemunho do papa e a contundência nos seus discursos sem dúvida nenhuma enriquecem. Enriquecem e tornam mais visível a Igreja. Diria que sim, têm uma influência, mas as cartas sempre existiram”.

Também o arcebispo de São Luís (MA), dom José Belisário, destaca a importância de Francisco: “É um grande acontecimento. De certa maneira, a Igreja estava um pouco emparedada ultimamente. Por várias questões. Este papa, com o gesto de simplicidade, com



Dom Pastana e dom Belisário: Francisco tirou a Igreja da parede



TAMBÉM
NESTA
SEÇÃO



pág. 36

Amapá. O outro feudo
de José Sarney



suas palavras, retirou a Igreja da parede. Isto é importante, muito importante. Claro que tem consequência”.

Desde março, ao ser entronizado no cargo, Francisco não apenas prega a mudança na Igreja. Com gestos e atitudes, nem sempre percebidos, sinaliza as modificações que almeja. “Aqui, no Brasil, o fato de ele não ter nomeado cardeal o arcebispo de Salvador, dom Murilo Krieger, é sintomático. Ele é o arcebispo primaz e há muito tempo todos os arcebispos de Salvador são cardeais”, destaca o sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira, professor do mestrado em Ciências da

Ao deixar de nomear cardeal o arcebispo de Salvador, o pontífice fez um gesto “sintomático”, diz o sociólogo Ribeiro de Oliveira

Religião da PUC-Minas e assessor das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) desde 1976. Krieger esperava a nomeação no próximo consistório, marcado para fevereiro. Mas o papa anunciou que no Brasil promoverá apenas o arcebispo do Rio, dom Orani Tempesta.

Embora não se arrisque em explicar a atitude de Francisco, Ribeiro lembra que a nomeação de dom Krieger como arcebispo primaz, em 2011, por Bento XVI “não pegou bem. Ele era lá de Santa Catarina, muito conservador. O pessoal de Salvador queria, há tempos, um arcebispo mais próximo da população”.

FOTOS: SERGIO LIMA/FOLHAPRESS E ALBERTO PIZZOLI/AFIP



Seu País

Outros sinais são mais evidentes. No início de dezembro, João Pedro Stedile, do MST, esteve em Roma na Academia Pontifícia de Ciências para um debate intitulado “A Emergência dos Excluídos”. O convite, feito por indicação do papa, estendeu-se ao advogado argentino Juan Grabois, do Movimento de Trabalhadores Excluídos, que se tornou amigo do então cardeal Bergoglio, em Buenos Aires.

Na presença do chanceler da Academia, monsenhor Marcelo Sánchez Sorondo, do cardeal Peter Turkson, de professores especialistas do Vaticano, de embaixadores de países majoritariamente católicos, entre eles o brasileiro, e dos professores universitários Romano Prodi (ex-premier italiano e ex-presidente da União Europeia), e Jeffrey Sachs, assessor do secretário-geral da ONU, discutiram-se as causas da exclusão.

“Tudo era sistematizado e tenho entendido que a síntese seria levada ao conhecimento do papa. Era para ele ter participado do encerramento, mas a morte de Mandela atrapalhou a agenda”, diz Stedile, em cuja bagagem trouxe uma cópia em português da primeira exortação apostólica do papa Francisco – *Evangelli Gaudium* –, editada em novembro. “Digitalizei as partes que falam mais da análise socioeconômica e vou distribuir à nossa militância para que conheçam o pensamento crítico do papa em relação ao capitalismo.”

Outra surpresa foi a carta que Francisco enviou aos participantes do 13º Intereclesial das CEBs, que reuniu mais de 5 mil romeiros, entre os quais 72 bispos, em Juazeiro do Norte (CE), de 7 a 11 de janeiro. Foi a primeira manifestação de um papa em apoio às Comunidades Eclesiais de Base. Francisco as define como instituições que “trazem um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo, renovando a Igreja”.

Uma frase, porém, deixou ressaibados assessores do movimento por



Francisco fez questão de chamar Stedile, do MST, a Roma para o debate da APC, em dezembro passado, sobre “A Emergência dos Excluídos”

entenderem que o papa, ao defender que as CEBs “não percam o contato com esta realidade muito rica da paróquia local” e propor que “se integrem de bom grado na pastoral orgânica da Igreja particular”, sinalizaria um atrelamento das mesmas às paróquias, ideia totalmente abominada. “Isso não existe, é tentar dar vida a uma múmia. A paróquia já mumificou, é uma estrutura ultrapassada, não tem mais chance”, explica Ribeiro.

Há quem prefira outra leitura. “O fato simbólico é enviar a carta, valorizar o encontro. Os detalhes do que diz não importam porque tem de respeitar certas liturgias internas da Igreja, para não

ferir instâncias, hierarquias, doutrinas”, ameniza Stedile. Com ele faz coro o teólogo e monge beneditino Marcelo Barros, também conselheiro das CEBs e dos movimentos sociais: “É um gesto importante porque é a primeira vez que um papa se abre às Comunidades Eclesiais de Base e não apenas ao que se chamaria de pequenas comunidades. As Comunidades de Base são mais do que pequenas comunidades. São Comunidades com um tipo de visão de Igreja libertadora que vai além das pequenas capelas do interior. Ele sabe disso, não é bobo, e mandou uma carta apoiando, e isso é importante”.

Na sua análise, Barros vai além, esperançoso: Francisco pode contribuir ao fortalecimento das quase 80 mil comunidades, resistentes ao que classifica de “retrocesso eclesial” nos pontífices de João Paulo II e Bento XVI. Período em que os adeptos da chamada Teologia da Libertação foram relegados ao ostracismo. Hoje, segundo Barros, Francisco “está colaborando com esse movimento pelo próprio jeito de ser, pelas críticas que faz ao modelo econômico do mundo, na direção da Teologia da Libertação, seja ele a favor ou não seja, isso pouco importa”. Mas, realista, prevê resistência na própria Igreja: “Não é fácil mudar”. •